

MR28: Habitar em meio a precariedades

Coordenação: Adriana Fernandes (UERJ)

Debatedor/a: Adriana Vianna (UFRJ)

Participantes: Anelise Gutterres (UFRJ), Alexandre Magalhães (UFRGS), Adriana Fernandes (UERJ)

Resumo:

A proposta da mesa é refletir sobre as diferentes formas de habitar a vida e a cidade por parte das populações periféricas em meio as múltiplas precariedades que atravessam o seu cotidiano. Partimos do pressuposto de que as precariedades não existem como resultado de “faltas” ou “ausências”, mas são politicamente produzidas e, sobretudo, integram a criação e o governo da vida. Destacaremos os agenciamentos manejados por moradores dessas áreas da cidade para lidar com um cotidiano permeado por destruição, incertezas, violências, opacidades e terror. Notamos que o estado de vigília é um modo que atravessa o viver nesses territórios, assim como, as formas de adoecimento, de racismo estrutural e institucional, os regimes de cuidado exaustivos (na maior parte das situações, a cargo das mulheres), as violências transgeracionais, as perdas abruptas, as incertezas e urgências. Na tarefa de garantir a existência de si, de familiares e a continuidade do cotidiano, cálculos, “corres” e performances, por vezes complexos e idiossincráticos, são tecidos e modulados. A este cultivo da vida, somam-se os dilemas destes anos de pandemia, ou seja, em um mundo de descontinuidades e exclusões, as agências e táticas de contornamento e/ou de produção de outras linhas de vida ganharam dimensões morais, éticas e políticas ainda mais significativas.

A casa na favela e a vida que corre contra o tempo

Autoria: Anelise Gutterres

Reúno para esta apresentação alguns episódios narrados por uma das minhas interlocutoras de pesquisa, a qual chamarei de Nora. São testemunhos reunidos a partir de uma imersão compartilhada nas imagens dos seus álbuns de fotografia e que nos provocam a refletir sobre as múltiplas temporalidades e intensidades do seu cotidiano em uma vila no Morro Santa Teresa, localizado na cidade de Porto Alegre. Os relatos nos apresentam as diferentes formas de produzir a vida diante da “condição precária compulsória” (Gutterres, 2020) ao qual grande parte das mulheres negras e pobres estão submetidas no Brasil. No amplo debate sobre memória, temporalidade e narrativa □ temas contemplados nas reflexões aqui propostas □ meu objetivo no escopo desta apresentação é o de demarcar a importância dessas condições para pensarmos sobre algumas permanências na vida de Nora e o seu trabalho cotidiano de tecer a vida diante destas continuidades. Ao basear a narrativa do seu cotidiano no percurso pelo álbum de fotografia, Nora nos apresenta diversos passados possíveis a partir do presente vivido naqueles dias de inverno do ano de 2012 nos quais estivemos olhando juntas as suas fotografias. É também no percurso pelo álbum que ela reforça a centralidade da casa em sua vida, um núcleo organizador de fios de lembranças, linhas que permitem a ela percorrer, refletir, avaliar suas escolhas, feitos e êxitos. Endossando a perspectiva trazida por Marcelin (1999:55) também compreendo aqui a casa como um centro de produção e contagem do tempo, já que ela também “se refere ao universo familiar em perpétua transformação”. Tanto as diferentes casas de aluguel na qual Nora e sua família se instalam quando vem para Porto Alegre quanto a casa na Vila Gaúcha como a que morou Nora quando migra para o Morro Santa Teresa são algumas das possibilidades de moradia que se oferecem nas andanças e circulações dos pobres nas cidades. Sempre apontadas pelo poder dominante como abjetas, incompletas e precárias, os adjetivos para as casas se transpõem para a população que nela vive e a

fixação adjetivada assim como a condição de "trânsito incessante" marca a vida dessas famílias. Refletiremos junto do relato de Nora sobre a casa como sinônimo de fixação e na gama das moralidades e domesticações associadas à casa, como parte do jogo entre territorialização e circulação negativa das mulheres negras e pobres. Onde a produção de circulação forçada, a produção de instabilidade e perturbações fazem parte das permanências oferecidas pelo estado em vilas, favelas e periferias.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

